



A PARTICIPAÇÃO DE PESSOAS TRANS NO ESPORTE COMPETITIVO SOB A ÓTICA DA PATERNIDADE: UM ESTUDO DE CASO

Augusto Krindges

Enfermeiro, Mestrando do programa de Pós-Graduação em Enfermagem pela
Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS) e bolsista CAPES
gus.krindges@gmail.com

Jonatan Pellenz

Enfermeiro. Mestrando em Enfermagem. Programa de Pós-Graduação em
Enfermagem. Universidade Federal da Fronteira Sul, Campus Chapecó
jonatanznnn@gmail.com

Anderson Reis de Sousa

Escola de Enfermagem da Universidade Federal da Bahia, Programa de Pós-
Graduação em Enfermagem e Saúde
anderson.sousa@ufba.br

Jeferson Santos Araujo

Enfermeiro, Professor do Programa de Pós-Graduação em Enfermagem da Universidade
Federal da Fronteira Sul (UFFS)
Professor do Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas da
UFFS
jeferson.araujo@uffs.edu.br

1. Introdução

As pessoas transgêneros são caracterizadas quando há uma incongruência do sexo de nascimento e da identidade de gênero que se reconhecem, (Saadeh, 2019, Spb, 2019, Ciasca, 2019). Nos últimos anos percebe-se um aumento da prevalência, estima-se que cerca de 2% da população Latinoamericana, o que corresponde 3 milhões de pessoas trans segundo um estudo realizado por Spizzirri, *et al.*, em (2021).

A população transgênera ela vem se destacando e assumindo posturas de representatividade em diversas esferas, embora ainda existam preconceitos de todas as ordens, observa-se um aumento significativo de comentários direcionados a atletas transgênero em competições esportivas, muitos dos quais apresentam teor transfóbico e carregam forte carga discriminatória. Embora não existam dados absolutos sobre o número total de atletas transgênero no mundo, de acordo com levantamento realizado pela revista esportiva OutSports, os Jogos Olímpicos de Paris contaram com a



participação aproximadamente de 195 atletas que se identificam como LGBTQIAPN+; dentre estes, apenas duas pessoas se autodeclararam transgênero ou não binárias.

Atualmente temos vários atletas trans que enfrentam dificuldades tanto no esporte Nacional como a nível Internacional, um exemplo claro é a jogadora de Vôlei Tiffany Abreu primeira mulher trans a jogar profissionalmente no Brasil, vítima de transfobia por conta da sua excelente performance em quadra (Sant’ana, 2022). Não são casos isolados, a nadadora estadunidense Lia Thomas primeira mulher trans a conquistar o título de 500 jardas livre na competição National Collegiate Athletic Association (NCAA) em 2022, dois anos mais tarde foi vítima de transfobia pelas regras discriminatórias estabelecidas na World Aquatics (Weber, G, 2024).

Esses e muitos outros casos acontecem diariamente. O fato de não fazerem parte da nossa realidade imediata não significa que devemos ignorá-los ou deixar de lutar contra as diversas formas de transfobia, muitas vezes perpetuadas por pessoas influentes e até mesmo por nossos representantes. Por isso, destaca-se importante estudos relacionados a esse assunto, pois foi uma das temáticas abordadas pelas paternidades quando perguntados ao final da entrevista “Qual a pergunta que você gostaria que eu tivesse feito, mas não fiz”?

2. Metodologia

Trata-se de um estudo de caso, realizado a partir do recorte de uma única entrevista retirada do banco de dados da pesquisa de mestrado intitulada Paternidade e cuidado durante a disforia de gênero de crianças e adolescentes vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Enfermagem da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS) – Campus Chapecó, aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa sob o CAAE 85489824.3.0000.5564.

O recrutamento do participante ocorreu de março a junho de 2025, foi utilizada a técnica de amostragem por bola de neve (snowball sampling). A União Nacional de Gays, Lésbicas, Bissexuais e Transexuais de Chapecó (UNA LGBT) colaborou com a divulgação da pesquisa por meio de um vídeo produzido pelos pesquisadores. Uma das mães que teve acesso ao material indicou o pai de seu filho para participar do estudo. O estudo teve como critérios ser pai de criança ou adolescente que passou pelo processo de



transição de gênero. A entrevista ocorreu na residência do participante e teve duração aproximada de 1 hora e 15 minutos. Utilizou-se um roteiro como uma pergunta não estruturada para nortear a conversa com o pai (conte-me como um se fosse um capítulo de livro como é ser pai de um adolescente em transição de identidade de gênero), e conforme a resposta desta pergunta foi se desenvolvendo, o diálogo entre pesquisador e participante foi sendo aprofundado. A entrevista foi gravada em mídia digital e posteriormente transcrita para codificação da experiência frente ao objeto investigado. Posteriormente, os dados foram analisados por meio da análise temática indutiva (Braun, Clarke, 2008). Identificou-se como tema central “Entre a transição e o esporte, quero ser atleta”.

3. Resultados e discussão

Durante a produção dos dados, uma questão polêmica foi levantada por um pai, trazendo à tona o debate sobre a participação de pessoas transgêneras no esporte, questionando os critérios que definem o que seria considerado justo nesse contexto. Sua reflexão pauta-se na busca por igualdade nas condições de competição, evidenciando uma preocupação com a justiça e a isonomia entre os participantes, como relatado por ele nesse trecho: “*Ela tem uma vantagem competitiva. Independentemente de qualquer outra coisa, né, como é o caso dessa menina que joga vôlei* (refere-se a Tiffany Abreu)”.

Sua manifestação revela uma preocupação legítima quanto à necessidade de se estabelecer medidas adequadas diante da complexidade que envolve a participação de pessoas trans no esporte. O pai demonstra interesse em que a temática seja abordada de forma responsável, buscando soluções que promovam a equidade e garantam a inclusão de todas as pessoas, respeitando suas especificidades e direitos.

A participação de pessoas transgênero no esporte constitui um tema amplamente discutido na literatura acadêmica e nas instâncias de organizações esportivas, bem como entre competidores e espectadores, em razão das preocupações acerca de uma possível vantagem atlética, especialmente no que tange às mulheres transgêneras. Em uma revisão de literatura conduzida por Jones *et al.*, (2016), foram analisados oito artigos e trinta e uma políticas relacionadas ao esporte competitivo. Os autores evidenciaram que a maioria dessas políticas carece de embasamento fundamentado em evidências científicas



robustas. Ademais, destacam que tais políticas estabelecem ambientes restritivos para atletas transgêneros, o que corrobora com o relato apresentado pelo pai mencionado no estudo.

A paternidade ainda suscita reflexões acerca da sensibilidade inerente à temática, abordando questões relativas à justiça, pertencimento e direitos. Além disso, evidencia-se o desafio de posicionar-se de forma clara e consistente diante de um assunto complexo e multifacetado. Como exemplificado aqui pelo participante: *Então, é difícil falar, não é justo com as mulheres cis que jogam. Ela tem o direito de competir no gênero que ela se identifica? Tem”*.

A revisão da política indica que mulheres transgênero que desejam competir devem monitorar os níveis de testosterona por um período mínimo de 12 meses antes da competição, garantindo que esses valores se mantenham em torno de $10 \text{ nmol}\cdot\text{L}^{-1}$ (Ingram; Thomas, 2019). Conforme Jones *et al.*, (2016), em seu estudo, afirma-se que não existem pesquisas que evidenciam vantagens esportivas relacionadas a qualquer fase do processo de transição, sugerindo, portanto, a necessidade de revisão das políticas esportivas.

Ao mesmo tempo, a revisão das políticas esportivas associa-se ao diálogo entre o relato do participante e as evidências científicas reforça a importância de abordar o tema com responsabilidade, buscando soluções que respeitem os direitos das pessoas trans sem comprometer a justiça esportiva, evidenciando que a construção de políticas inclusivas requer sensibilidade, rigor e continuidade nas discussões.

4. Considerações finais

Passadas quase cem décadas, a presença de pessoas transgêneras no esporte ainda é marcada por discursos discriminatórios e transfóbicos, evidenciando a persistência de desafios relacionados à inclusão e ao respeito à diversidade de gênero nas práticas esportivas.

Ao transpor essa perspectiva para a área da enfermagem, observa-se a possibilidade de atuação dos profissionais como mediadores e reconhecimento precoce de crianças e adolescentes transgêneros, além de desenvolver produções científicas voltada ao esporte e como esse pode beneficiar a saúde das pessoas transgênero.



Considerando que grande parte dos estudos existentes são de origem internacional e, em sua maioria, não são desenvolvidos por enfermeiros, destaca-se a necessidade de ampliação do engajamento da categoria nessa discussão. Ao abordar e investigar o tema, contribui-se para sua visibilização; e, uma vez visualizado, torna-se passível de ser abordado, orientado e incorporado às práticas de cuidado e formação profissional.

Referências

AMERICAN NURSES ASSOCIATION. Advocacia de enfermagem para populações LGBTQ+. ANA, 2018. Disponível em:

<https://www.nursingworld.org/practicepolicy/nursing-excellence/official-position-statements/id/nursing-advocacy-for-lgbtqpopulations/>. Acesso em: 27 jun. 2025.

BRAUN, Virginia; CLARKE, Victoria. Using thematic analysis in psychology. **Qualitative Research in Psychology**, v. 3, n. 2, p.77-101, 2006.

INGRAM, B. J.; THOMAS, C. L. Transgender policy in sport. **Current Sports Medicine Reports**, v. 18, n. 6, p. 222–223, jun. 2019. Disponível em: https://journals.lww.com/acsm-csmr/Fulltext/2019/06000/Transgender_Policy_in_Sport. Acesso em: 27 jun. 2025.

JONES, B. A. et al. Sport and Transgender People: A Systematic Review of the Literature Relating to Sport Participation and Competitive Sport Policies. **Sports Medicine**, v. 47, n. 4, p. 701–716, 3 out. 2016.

NADAL, K.; DAVIDOFF, K.; FUJII-DOE, W. Mulheres transgênero e a indústria do trabalho sexual: raízes na discriminação sistêmica, institucional e interpessoal. **J Trauma Dissociation**. v. 15, n. 2, 2014. DOI: 10.1080 / 15299732.2014.867572.

SAADEH, Alexandre. **Como lidar com a disforia de gênero (transexualidade)**. 2ª ed. São Paulo: Hogrefe, 2019.

SANT'ANA, G. Corpos dissonantes: O ingresso da atleta transexual Tiffany na Superliga feminina de vôlei e a desestabilização da unidade corporal. **Cadernos Pagu**, n. 64, 2022.

SPIZZIRRI, G. et al. Proportion of people identified as transgender and non-binary gender in Brazil. **Scientific Reports**, v. 11, n. 1, 26 jan. 2021.

WEBER, G. **Entre a ciência e o preconceito: a participação de mulheres trans em esportes olímpicos**. Disponível em: <https://jornal.usp.br/articulistas/gabrielle-weber/entre-a-ciencia-e-o-preconceito-a-participacao-de-mulheres-trans-em-esportes-olimpicos/>.



Agradecimentos À CAPES pelo apoio financeiro ao projeto intitulado Paternidade e cuidado durante a disforia de gênero de crianças e adolescentes.